



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARTINA PEREIRA

ECOTURISMO NA GUINÉ-BISSAU: CASO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MARTINA PEREIRA

ECOTURISMO NA GUINÉ-BISSAU: CASO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS

Projeto apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para obtenção de título de Bacharel Interdisciplinar em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ivette Tatiana Castilla Carrascal.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MARTINA PEREIRA

ECOTURISMO NA GUINÉ-BISSAU: CASO DO ARQUIPÉLAGO DOS BIJAGÓS

Trabalho de conclusão de Curso (TCC) na modalidade de projeto de pesquisa, apresentado ao curso de Humanidades no Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em 26 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ivette Tatiana Castilla Carrascal (Orientadora)

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, Brasil (2017). Professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB.

Prof. Dr. Magno Klein Silva

Professor de Política Externa e Vice Coordenador do Curso de Relações Internacionais da UNILAB/BA. Graduado em História, mestre em História Comparada e doutor em Ciência Política.

Prof.^a Dr.^a Joyce Amancio de Aquino Alves

Professora Adjunto A da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- Campus Malês, Brasil. Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (2018), Mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (2013) e Graduada em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (2011).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMT - Organização Mundial de Turismo

UNWTO - World Tourism Organization

ODM - Organização Desenvolvimento do Milênio

DENARP - Documento Estratégico Nacional para a Redução de Pobreza

SAB - Setor Autônomo de Bissau

RBABB - Reserva da Biosfera do Arquipélagos Bolama Bijagós

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

INEC - Instituto de Estatística e Censo

IDH - Indicadores de Desenvolvimento Humano

ONU - Organizações das Nações Unidas

DLIS - Desenvolvimento local Integrado Sustentável

ONGS - Organizações não Governamentais

CAIA - Célula de Avaliação de Impacto Ambiental

IBAP - Instituto de Diversidades de Áreas Protegidas

UICN - União Internacional para a Conservação da Natureza

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	JUSTIFICATIVA	8
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	9
3.1	TURISMO E ECOTURISMO	9
3.2	ECOTURISMO NA GUINÉ-BISSAU: ARQUIPÉLAGO DE BIJAGÓS	10
3.3	IMPACTOS DO ECOTURISMO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL	13
4	PROBLEMÁTICA	19
5	OBJETIVOS	20
5.1	GERAL	20
5.2	ESPECÍFICOS	20
6	METODOLOGIA	21
7	CRONOGRAMA	23
	REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como propósito entender as relações das comunidades locais com o ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós. A partir desta perspectiva compreende-se que o ecoturismo é um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas.

Em geral, o turismo tem adquirido uma importância crescente, sendo definido como: potencial dinamizador da economia, facilitador da modernização das infraestruturas, promotor da requalificação da mão-de-obra e veículo de criação de novos postos de trabalho. Por um lado, por permitir gerar receitas, idealmente retida nos países receptores, e contribui para estimular o desenvolvimento de outros setores de atividade econômica, através do efeito de difusão, tais como: o agropecuário, as pescas, a indústria, o comércio e os serviços o artesanato e a animação sociocultural (BRITO, 2004 apud PINTO, 2018.pag. 11).

O ecoturismo é um segmento turístico que proporcionalmente mais cresce no mundo, de acordo com os dados da organização mundial do turismo (O.M.T 2001), podemos dizer também que este segmento turístico que motiva o turista a um espaço tendo como seu objetivo principal a observação da natureza de mesmo modo contribuindo para a sua preservação.

Embora, o trânsito das pessoas e dos veículos possam ser agressivos ao estado natural desses ecossistemas, veremos que os defensores destas práticas argumentam que o ecoturismo contribui para a preservação dos mesmos, é um dos principais meios de educação ambiental e permite a integração e o desenvolvimento econômico das comunidades locais em áreas de preservação ambiental.

No presente projeto aborda-se sobre a imagem de destinos turísticos, nomeadamente o turismo de natureza ou ecoturismo da Guiné-Bissau. “Os principais componentes de atração turística assentam-se basicamente na natureza, na cultura e na história do destino, mas, são os elementos ou os fatores naturais que, sobretudo, originam a estruturação e organização da maior parte dos centros turísticos” (CUNHA, 2008 apud PINTO, 2018).

A Guiné-Bissau, tendo em conta a sua grande riqueza da sua natureza e da cultura não pode continuar num caminho desfasado desta realidade. O ecoturismo é um setor de desenvolvimento que cresce gradativamente, o ecoturismo na Guiné-Bissau não foge dessa lógica, porém como se relacionam a comunidade local e o setor do ecoturismo é uma questão que poucos académicos e intelectuais se dedicam a estudar.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, aprovou no final do ano 2016, a adoção de 2017 como Ano Internacional do Turismo Sustentável, para o Desenvolvimento. A resolução reconhece “A Importância do Turismo Internacional” e em particular, a designação de um ano internacional de turismo sustentável, para o desenvolvimento e promover uma melhor compreensão entre os povos, em todo o mundo, levando a uma maior conscientização sobre o rico patrimônio das diversas civilizações (UNWTO 2017 apud PINTO, 2018, pg. 10).

Propomos com esta pesquisa estudar detalhadamente o fenômeno do ecoturismo que vem causando impactos negativos na Guiné-Bissau, no que tange ao respeito e reconhecimento a comunidade local enquanto participantes na conservação do patrimônio nacional. Além disso objetivamos promover um debate epistemológico em relação ao tema. Com esta investigação que partiu das minhas inquietações sobre o ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós, de procurar entender a sua evolução dentre os anos 2000 a 2014, este projeto me ajudará a aprofundar mais a experiência e o conhecimento no que diz respeito ao ecoturismo nessas ilhas.

Entendo que este trabalho proporcionará uma visão mais profunda sobre o ecoturismo criando mais ferramentas de análise para a sua compreensão, principalmente no campo acadêmico. No âmbito sociopolítico, por sua vez, ajudará a fomentar mais diálogos em relação à temática. Sobretudo, em promover debates epistemológicos encontrados no ecoturismo, no entanto, o trabalho poderá servir como base para os futuros (as) pesquisadores desta temática.

2 JUSTIFICATIVA

Esta investigação partiu das minhas inquietações sobre o ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós, com intuito de entender como se desenvolveu na Guiné- Bissau de 2000 a 2014, e como funciona em particular o ecoturismo neste arquipélago em geral. Neste sentido esta inquietação me motivou a desenvolver o projeto de pesquisa aqui apresentado com objetivo de aprofundar mais a experiência e o conhecimento sobre o ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós.

Dito isto, entendo que este trabalho proporcionará uma visão mais profunda sobre o ecoturismo criando mais ferramentas de análise para a sua compreensão, principalmente no campo acadêmico. No âmbito sociopolítico, por sua vez, ajudará a fomentar mais diálogos em relação à temática. Sobretudo, em promover debates epistemológicos encontrados no ecoturismo, no entanto, o trabalho poderá servir como base para os futuros (as) pesquisadores desta temática.

Percebe-se que o ecoturismo vem sofrendo certas transformações, porque com a crescente atividade turística nos arquipélagos ocasionou impactos negativos tais como: devastação de florestas primárias, extinção de espécies nativas, precariedade de infraestrutura urbana, aumento da circulação de veículos. A convivência entre moradores e turistas dos mais diversos lugares, costumes, hábitos, atitudes e valores tem contribuído para uma desconstrução da identidade cultural local. Nos dias atuais, o arquipélago é bastante frequentado, com a predominância do ecoturismo que podemos chamar de turismo de natureza.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 TURISMO E ECOTURISMO

O turismo é consensualmente definido como um setor prioritário para a prossecução da mudança visto reunir um conjunto diversificado de requisitos, favorecendo as dimensões econômicas relacionadas com o crescimento, valorizando as características e os traços culturais tradicionais e promovendo a preservação ambiental. (BRITO, 2007, P. 09).

No que diz respeito a nível internacional, o ecoturismo como um segmento ecológico ou seja o turismo de natureza vem adquirindo uma grande importância e a recolher atenções pelos traços que o caracterizam: é susceptível de ser implementado e gerido localmente, privilegiando o uso de matérias locais para a construção e reabilitação do património , que são promovidos com iniciativas de pequena dimensão, dependendo da produção feita no local , originando a criação de redes produtivas e interdependentes, onde os contactos entre o turista e os promotores são personalizados. (BRITO, 2007).

BRITO (2007, p.10) aponta que o ecoturismo por outro lado promove o desenvolvimento local para as populações mais pobres residentes no território, criando novas oportunidades para eles, trazendo incentivos no que reforça as redes produtivas integradas economicamente em gerar a sustentabilidade, para a minimização dos impactos ambientais e defendendo de que forma será a conservação e preservação do meio ambiente. Tendo consciência de atos e comportamentos responsáveis para implementação de medidas progressiva financeiramente integradas com objetivo de diminuir efeitos das ameaças exercidas sobre algumas espécies de fauna e de flora.

A data também busca promover uma melhor apreciação dos valores inerentes às diferentes culturas, contribuindo assim tendo em conta, a publicação da Agenda 21, adotada no ECO 92 no Rio de Janeiro/Brasil, que constitui o principal referencial para os governos e iniciativa privada no que tange ao desenvolvimento econômico com bases sustentáveis, neste âmbito o Governo da Guiné Bissau, na perspectiva de alcançar os objetivos de desenvolvimento do milênio (ODM) considera o desenvolvimento do turismo como uma das ferramentas que pode contribuir para a redução da pobreza e a garantia da sustentabilidade econômica e ambiental das comunidades locais, no seu Documento Estratégico Nacional de Redução da Pobreza (DENARP, 2011), baseando-se nos quatro princípios básicos: Nesta perspectiva Pinto (2018) agrupa estes quatro princípios básicos:

- Respeito às comunidades locais;
- Envolvimento econômico efetivo das comunidades locais;
- Respeito às condições naturais e conservação do meio ambiente e interação educacional - garantia de que o turista incorpore para a sua vida o que aprende em sua visita;
- Gerar consciência para a preservação da natureza e dos patrimônios histórico, cultural e étnico.

Contudo pelas particularidades de que reveste e pela ótica porque encara o turismo refere-se, por último, a definição de Jafar-Jafari, Beni, apud Pinto (2018) segundo o qual o “turismo é o estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz as suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sociocultural da área receptora”. É uma definição que não se preocupa em identificar uma atividade, mas antes eleger os domínios ou áreas de estudo do turismo. É, porém, relevante, porque, além disso, chama a atenção para a variedade dos fenômenos e das relações que nele se originam.

3.2 ECOTURISMO NA GUINÉ-BISSAU: ARQUIPÉLAGO DE BIJAGÓS

Antes de falarmos do ecoturismo na Guiné-Bissau, forneceremos uma breve contextualização aos nossos leitores sobre a República da Guiné-Bissau e as regiões correspondentes aos arquipélagos dos bijagós.

A República da Guiné-Bissau fica situada na Costa Ocidental da África, tem uma superfície de 36.125 km² e possui uma população de 1.584.791 habitantes (segundo o censo de 2018)¹. Faz fronteira ao norte com o Senegal, ao Leste e ao Sul com a Guiné-Conacri, e a Oeste é banhada pelo Oceano Atlântico. Tem um clima tropical é um país plano que contém mais de 80 ilhas e ilhéus, habitadas majoritariamente por Bijagós. A Guiné-Bissau possui duas estações do ano: chuvosa e seca. A estação chuvosa começa no dia 15 de maio e termina no dia 15 de novembro, ao passo que a estação seca se inicia e 15 de novembro termina no dia 15 de maio. (PINTO, 2018).

Administrativamente a Guiné-Bissau está dividida em oito regiões, a saber: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali, além do Setor Autônomo de

¹ Disponível em: <http://www.stat-guinebissau.com/>. Acesso em: 06 Agosto.2019

Bissau, a capital (SAB). As regiões estão divididas por setores, e estes, por seu turno, estão divididos por seções. As regiões são presididas por governadores e tanto os setores como as seções são presididos por administradores, todos escolhidos pelo governo. A Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós – RBABB só veio a ser oficializada pela UNESCO por solicitação do Governo da Guiné-Bissau a 16 de abril de 1996. Foi o culminar de um processo de vários anos de pesquisas e atividades de identificação, reconhecimento e valorização do património ecológico e cultural da Região Bolama Bijagós. É igualmente o resultado de um longo processo de negociação entre os diferentes intervenientes na Região, nomeadamente com as estruturas do Estado, as organizações não-governamentais, representantes da população, diversos segmentos sociais, autoridades tradicionais locais, investigadores e técnicos, que teve o seu ponto mais alto na realização da Conferência Internacional sobre a Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, realizada em junho de 1996 na vila de Bubaque e na ilha com o mesmo nome.

O Arquipélago dos Bijagós faz parte da Guiné-Bissau e é constituído por 88 ilhas situadas ao largo da costa africana, compondo uma área protegida, classificadas pela UNESCO em 1996 como reserva da biosfera. Esta reserva conta com diversificada fauna na qual se contam entre outras espécies macacos, hipopótamos, crocodilos, aves pernaltas, tartarugas marinhos e lontras.

Figura 1 - Localização da Guiné- Bissau



Fonte: INEC (2017 apud PINTO, 2018, p. 51).

Austríaco Hugo Bernatzik viveu no arquipélago onde documentou a vida na era pré-colonial o arquipélago constituía um importante ponto de passagem das rotas comerciais na costa ocidental Africana. Em 1930 a 1931 antropólogo e fotógrafo do povo Bidyogo.

O povo Bijagó não são verdadeiramente originários destas ilhas, que lhes serviram de refúgio antes da conquista de Malinké. Terão chegado a estas ilhas depois de terem sido derrotados por outros povos do continente e construído as suas aldeias no centro das ilhas, em plena floresta, para melhor se defenderem. A maior parte da população do arquipélago pertence à etnia bijagó. Contudo, existem outros grupos étnicos guineenses que coabitam com os bijagós neste meio insular. Por outro lado, os estrangeiros vindos da sub-região estão igualmente presentes no território em conjunto com os Nhomincas que são do Senegal, os guineenses de Conakry e outros.

O povo bijagó é tradicionalmente ligado às atividades agrícolas, pois a economia do arquipélago repousa essencialmente na agricultura. Quanto à pesca, essa constitui uma atividade complementar e de subsistência. As mulheres dedicam-se igualmente à apanha do marisco e bivalves, principal fonte de proteína animal da população bijagó.

O arquipélago dos bijagós classificado como reserva da biosfera pela UNESCO, pela sua diversidade em todo o arquipélago, pois esta reserva é abrigo de muitas aves nomeadamente um sem-número como, beija-flor de barriga verde, abutres, garajau, pelicanos, garça gigante, flamingos e entre outros. Podemos encontrar também manatis africanos, tartarugas marinhas, lontras- do cabo, hipopótamos (únicos do mundo no meio marinho), tubarões na ilha de Orango (HUGO BERNATZIK, 1930, 1931).

Figura 2 - Localização da Guiné-Bissau



Fonte: INEC (2017).

Segundo (Brito, 2007) estudo do ecoturismo na Guiné-Bissau, a nível internacional, o segmento ecológico, do Ecoturismo ou do Turismo de Natureza tem vindo a adquirir importância e a recolher atenções pelos traços que o caracterizam: é susceptível de ser implementado e gerido localmente; privilegia a utilização de materiais locais na construção e na reabilitação patrimonial; é promovido em iniciativas de pequena dimensão; depende da produção local, originando a criação de redes produtivas interdependentes.

Por outro lado, podemos dizer que o ecoturismo é um segmento que conserva ou valoriza as culturas ancestrais promovendo as divulgações das tradições e dos costumes e por outro lado promove o desenvolvimento e oportunidades de trabalho para as populações mais pobres, minimizando os impactos ambientais e preservando o ambiente.

A situação social e o desenvolvimento humano não tiveram grandes mudanças em relação ao ano anterior, o que traz a preocupação do autor mediante a situação Global, segundo a organização das Nações Unidas (ONU) de 2016, o país tem uns indicadores de desenvolvimento humano (IDH) mais baixo do mundo o que causa uma preocupação enorme em termos do desenvolvimento do país.

3.3 IMPACTOS DO ECOTURISMO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Segundo Buarque apud Pinto (2018) o Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável (DLIS) é um mecanismo interno e das mudanças, que leva o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade da vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humana, “endógeno” é a palavra-chave neste conceito e significa que as dinâmicas que garantem a motivação para o desenvolvimento tem origem na comunidade, através da mobilização dos principais atores atuantes nos territórios ,aproveitando as potencialidades locais”.

Para dar seguimento a este trabalho, precisamos entender melhor quais os efeitos do ecoturismo no desenvolvimento socioeconômico cultural, ambiental e local das comunidades. De acordo com (Brose Apud Pinto.2018), o desenvolvimento compreende antes de tudo um processo que permeia a história de cada sociedade que envolve todos os tipos de avanços e retrocessos, conflitos e pactos entre atores envolvidos e que gradualmente ao longo do tempo, permite um incremento na qualidade de vida da população.

Os Impactos sociais são impactos sobre a população local (residentes habituais e fixos na comunidade), mas, também, sobre os turistas e a sua sociedade de origem. O impacto social do turismo está associado mudanças mais imediatas e define aquelas que ocorrem na estrutura social local. Na qualidade de vida, nas relações sociais e na adaptação nas comunidades de

destino ao turismo. Por outro lado, o impacto cultural categoriza mudanças mais graduais e processuais que vão ocorrendo à medida que o turismo se desenvolve como a aculturação turística e as mudanças nas normas culturais, na cultura material e nos padrões culturais. (OMT, 1998).

Para Santana apud Pinto (2018), os impactos sociais resultam, portanto das relações sociais entre os residentes e os visitantes, a intensidade e forma desses impactos variam dependendo do tipo de visitante, das diferenças culturais entre os grupos, do grau de adaptação dos visitantes e dos costumes locais. A população receptora começa a manifestar dúvidas e surgem certos aborrecimentos acompanhados de antagonismos. Esta última reflete uma extrema irritação, na qual todos os problemas pessoais e sociais e atribuídas aos turistas, às causas das irritações normalmente são numerosas inter-relacionadas, sociais, culturais, econômicas pessoais e do meio ambiente, assinalando assim a urgente necessidade de planejamento integrado das atividades turísticas.

O que vem trazendo os impactos sociais positivos, onde podemos encontrar nas melhorias da qualidade da comunidade local e alienação da comunidade local através dos costumes e modos de vidas diferentes que eles vão adquirindo com a presença dos turistas que frequentam este espaço e esses indivíduos ou populações da comunidade, são usadas para mão de obra direta ou indireta. Veremos de acordo com o Pinto (2018), aumento de novos investimentos por parte dos estrangeiros que são os donos desses empreendimentos, a população passa a orgulhar de grupo étnico da qual pertence, e quanto aos aspectos negativos podemos entender que os nativos passam a adotar os costumes ou características dos turistas em detrimento dos seus, por causa desse contato constante entre os turistas e os nativos. Outros impactos sociais negativos citados por Macintosh Apud Pinto (2018), é a possibilidade demonstração que faz surgir o interesse dos autóctones por consumir bens, tais como os turistas realizam, mesmo se ainda não haveria necessidade para isso, aumento do índice de violência.

Além disso, a sazonalidade interfere diretamente na vida da comunidade local, uma vez que, os empregos e a renda são dependentes da época de maior movimento, deixando parte da população desempregada no restante do ano. Isso implica dizer que a população se sustenta com dinheiro recebido algumas épocas do ano. Em suma, deve realizar um planejamento que procure dar sustentabilidade aos moradores para que em relação à poupança conseguida em apenas um ano, com geração de empregos anuais e não temporários. A atividade turística deve ser bem pensada e planejada para que a comunidade local tenha uma melhoria na qualidade de vida.

Há uma estreita conexão entre o turismo e o meio ambiente, uma vez que, muitos elementos do ambiente natural são atrativos para os turistas. E o turismo em larga escala, pode auxiliar na conquista de proteção do meio ambiente, se for planejado de uma maneira consciente ajuda na conservação das áreas naturais e na melhoria da qualidade ambiental. Segundo OMT (2001), a atividade turística possui também impactos consideráveis sobre meio ambiente. É um consumidor específico de recursos naturais, pois constituem a base para o desenvolvimento da atividade turística.

Os impactos do turismo em ambientes naturais estão associados tanto à colocação de infraestrutura nos territórios para que o turismo possa acontecer com a circulação de pessoas que prática turística promove nos lugares. (...) meios de hospedagem edificadas em áreas não urbanizadas bem como outras infraestruturas a eles associados podem representar riscos importantes de desestabilização dos ecossistemas em que inserem. Cruz (2001, p.31)

Os patrimônios natural e cultural foram apontados pelo antigo Ministério da Indústria, Comércio, Turismo e Artesanato (2011) como dois grandes conjuntos de atrativos do país, dentre os quais destaca como componentes a cultura gastronômica, a história, a hospitalidade do povo guineense, a diversidade cultural, a produção artesanal, a biodiversidade e as paisagens, este último frequentemente referenciado com a mesma perspectiva da leitura de Maffesoli apud Santos (2014), como a “paisagem que tem alma”, na tentativa de explicitar a indissociabilidade entre a dimensão simbólica, os valores atribuídos e as diferentes composições de sistemas ecológicos.

Para Ruschmann e Cruz apud Pinto (2018), os impactos ambientais negativos provocados pelo turismo não devem ser observados isoladamente, se, compreendendo cada impacto influencia diretamente no outro. Exemplo geração de emprego e renda ocasiona umas mudanças ócio cultural ao possibilitar que a população tenha acesso à informação reconhecimento, ao mesmo tempo pode gerar um desastre ambiental caso não tenha havido um planejamento de absorção de turistas.

Outro exemplo claro a população local é frequentemente afastada do seu território de moradia e atividade de origem, isso acontece das mais diversas formas, seja fisicamente vendendo sua terra deslocando-se para outro lugar, seja participando informalmente e marginalmente na economia, sejam menosprezando os próprios valores culturas e submetendo-se aos novos, trazidos pelos turistas.

Falares sobre os impactos a curto e longo prazo dessas situações sobre os ecossistemas têm uma importância reduzida, constata-se, na sequência disso, uma forma de seletividade nas

precauções tomadas pelos operadores, e esses são os relatos dos indivíduos que fazem parte dos arquipélagos dos bijagós citados por (Pinto, 2018).

A preocupação dos indivíduos que fazem parte dessas ilhas é pertinente, ao ver os riscos que essas terras estão tendo com a poluição nos rios e com os restos dos lixos que saiam dos hotéis tipo restos de óleos e comidas, que muitas vezes acabam ficando onde os peixes desovam, sacos plásticos que são muito prejudiciais para o meio ambiente. (PINTO AGNELO, 2018).

Os turistas que vêm frequentando as ilhas muitas vezes não respeitam os lugares que são considerados sagrados pela comunidade local que para o povo esses lugares são de muita importância levando em conta as tradições e costumes praticado pelo povo bijagó, e os operadores para eles esses espaços são estratégicos para construir seus empreendimentos e espaços de lazer onde bem entenderem. (PINTO AGNELO, 2018, p. 89).

Na Guiné-Bissau tinham programas radiofônicos e televisivos que eram específicos para falar sobre essa problemática de proteção ambiental, mas como eram sustentados pelas ONGs internacionais com o tempo devido aos conflitos armados de 1998, fizeram com que esses programas fossem por águas baixas, mesmo com as tentativas de recuperá-las não se tornou positivo, por último com esses relatos citados (Apud, Pinto 2018) foi reprovado por técnicos da CAIA e da IBAP.

Poluição e perturbação dos ecossistemas o derrame de efluentes diretamente no mar, de detritos de depósitos ilegais, por vezes perto do mar, resíduos não são destinados para tratamentos: tipo óleo de esvaziamento, ácidos de baterias, produtos químicos, sacos de plásticos, como também as vedetas utilizadas na pesca desportiva da Reserva da Biosfera que os Bijagós foram classificados pela UICN.

Os regulamentos, na maioria dos casos, não são acatados pelos operadores turísticos, em matéria da preservação ambiental e nas áreas consideradas protegidas Contrariamente sobre Bijagós, as ameaças ambientais estão associadas à prática da pesca piscatória artesanais dominadas pelos países vizinhos e alguns operadores turísticos, praticam uma remoção em massa e indiscriminada das reservas pesqueiras e estabelecem acampamentos em algumas ilhotas onde exploram abusivamente os tarrafes.

O povo bijagó, no seu gesto peculiar de solidariedade que o caracteriza, coabita neste meio insular com vários grupos étnicos, provenientes do continente e dos países vizinhos. Os dados atuais confirmam que, a maioria da população residente no Arquipélago dos Bijagós, aproximadamente 90%, é bijagó.

No entanto, convivem entre si neste território insular, quatro principais grupos de atores: (i) a sociedade tradicional bijagó cuja atividade tem permitido conservar a fisionomia do meio e da paisagem terrestre; (ii) outros grupos étnicos nacionais residentes, que exploram vários recursos naturais no Arquipélago dos Bijagós; (iii) os estrangeiros residentes, atraídos pela

riqueza em recursos haliêuticos e turísticos, provenientes dos países da África Ocidental e também da Europa, em número, cada vez, maior do que há 20 anos, (iv) e os pescadores estrangeiros sazonais que frequentam as águas do Arquipélago dos Bijagós.

Estes quatro grupos de atores se relacionam mutuamente, mas, tendo interesses diferentes, entram constantemente em conflito de utilização do espaço e dos recursos naturais. A convergência de relações entre os quatro diferentes atores ilustra bem o papel preponderante sobre a evolução do meio. A natureza das relações de convergência a volta desses atores é bem patente: económico para os estrangeiros residentes, pescadores e outros grupos étnicos nacionais e sociocultural para a sociedade bijagó.

O livro intitulado Babel Negra (1935) tem como o autor Landerset Simões, fala sobre o povo bijagó que era para o SIMÕES um mistério a se descobrir, a vida económica dessa população “assente em base comunal, campo da melhor distribuição da sua riqueza, a sua vida social, tendo por fulcro um regime patriarcal, e a sua vida familiar, com características incontestáveis de matriarcado, sintetizavam, a par do primitivismo de certas manifestações, um instinto superior de vida como resquício de civilizações adiantadas, mas desaparecidas no transcorrer de muitos séculos”.

A população bijagó segundo Landerset Simões está dividida em quatro grandes famílias primitivamente ocupando quatro grupos de ilhas, mas hoje dispersas por eles, mantendo, todavia, as suas tradições de nobreza. Dizem-se descendentes dos quatros primeiros habitantes do arquipélago, dos quais os lhes ficaram os nomes de Oranquema, Ominca, ogubâné, e Oréjá, (LANDERSET, SIMÕES 1935, pag.146).

O autor mostra as características morfológicas dos bijagós onde a altura média do homem é de 1.72, da mulher 1.64, demonstrando que têm também cabelo encarapinhado, olhos horizontais, lábios pouco grossos e a pigmentação da pele castanho avermelhado, quanto ao índole são pouco desconfiado embora sendo tímidos, no que diz a sua habitação “é cilíndrica como a de quase todo o indígena do território superior do ocidente africano ocupando uma área muito vasta por cerca de 30 metros quadrados e atingindo as paredes a altura de três metros, fazem desenhos em representação de sua vida material”.(LANDERSET SIMÕES 1935,pag.147).

Nesses quadros citaremos alguns dados sobre a população bijagó, que podem ser encontradas no livro de BABEL NEGRA (pag. 144. ano 1935), segundo ele a população bijagó é de 25.000 habitantes, e total das ilhas habitadas e desabitadas na época da Guiné Portuguesa são 29 ilhas, dentre elas citaremos nos quadros abaixo.

Quadro 1 - Ilhas habitadas

Bubaque	Orango
Canhabaque	Orangosinho
Caravela	Canogo
Caraxe	Menegue
Ponta	Ambane
Maio	Unhocomo
Unhocomozinho	Eguba
Uno	Galinhas
Urucane	Sóga e Formosa

Fonte: Landerset (1935).

Quadro 2 - Ilhas desabitadas

Rubáne	Mel
Dane	Cavalos
Enu	Poilão
Cute	Porcos
Naguruno	
João Viera	

Fonte: Landerset (1935).

4 PROBLEMÁTICA

O ecoturismo na Guiné-Bissau em particular nos arquipélagos dos bijagós apresenta inúmeras atrações para os amantes do ecoturismo pela conservação de muitas espécies de animais e a natureza, como citado no início sobre a busca da formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações. O ecoturismo é o segmento turístico que proporcionalmente mais cresce no mundo, contribui para a preservação do ambiente e é um dos principais meios de educação ambiental que permite a integração e desenvolvimento econômico das comunidades locais em áreas de preservação ambiental. Por outro lado, como foi apontado por Mitur (2015), percebe-se que o ecoturismo vem sofrendo certas transformações, porque com a crescente atividade turística nos arquipélagos ocasionou impactos negativos tais como: devastação de florestas primárias, extinção de espécies nativas, precariedade de infraestrutura urbana, aumento da circulação de veículos. A convivência entre moradores e turistas dos mais diversos lugares, costumes, hábitos, atitudes e valores tem contribuído para uma desconstrução da identidade cultural local.

Assim surge a seguinte pergunta de pesquisa:

- ❖ Como tem se dado as relações entre as comunidades locais dos arquipélagos dos bijagós e setor do ecoturismo?

5 OBJETIVOS

5.1 GERAL

Compreender como se dão as relações das comunidades locais com o ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós.

5.2 ESPECÍFICOS

- Descrever o perfil dos turistas que frequentam os arquipélagos.
- Descrever como se organiza o ecoturismo nos arquipélagos dos Bijagós.
- Identificar quais as atividades econômicas que se faziam antes do ecoturismo.
- Descrever quais as práticas perdidas pelas comunidades depois da entrada do turismo nas ilhas.

6 METODOLOGIA

Como todas as investigações científicas, a nossa pesquisa é transposta por uma metodologia a ser seguida, a qual servirá de vetor de todo o processo de investigação da temática em questão.

Do ponto de vista metodológico falaremos para a realização deste trabalho, da metodologia qualitativa de caráter exploratório, usando pesquisa de campo e entrevistas semiestruturadas. Trabalharemos inicialmente com análise bibliográfica, com utilização das publicações feitas pelos autores que já falaram sobre o turismo e ecoturismo na Guiné-Bissau nos arquipélagos dos bijagós, através dos livros, revistas, artigos e monografias. Neste sentido buscaremos analisar a pesquisa no que tange à compreensão do ecoturismo nos arquipélagos dos bijagós procuremos saber ou seja compreender como funciona o ecoturismo nesse espaço e especificamente nos arquipélagos dos bijagós.

Com esta pesquisa pretendemos primeiramente ter maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, demonstrando os procedimentos metodológicos de tipo de pesquisa que usaremos na qual a pesquisa do campo e as entrevistas são principais e essenciais. Precisamos ler ao longo desta pesquisa os autores que versaram sobre essa temática de turismo ecológico (ecoturismo de natureza) como o Brígida Rocha Brito, Waldino Lenin Monteiro, Cunha e Abrantes (2013).

Pretendemos trabalhar com pesquisa bibliográfica, artigos, monografias pesquisas antropológicas, como técnica de coleta de dados, utilizaremos também as entrevistas semiestruturada e pesquisa em sites na internet, publicações (livros, artigo), e material como vídeo e imagem etc.

Depois dessa abordagem técnica e metodológica e por conseqüentemente a sua apresentação tem como requisito para graduação, iremos em segundo momento fazer estudo de campo através das entrevistas e observação.

Segundo ZANELLI (2002, p.83), o principal objetivo da pesquisa qualitativa é buscar entender o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos! Acrescentando de acordo com as palavras ditas pelo autor ele entende que “é muito importante prestar atenção no entendimento que temos dos entrevistados, nas suas formas confiantes de partilhar ou dividir suas percepções e nas possíveis distorções”.

Os interlocutores da minha pesquisa são as pessoas das comunidades dos arquipélagos dos bijagós, incluindo os turistas que lá frequentam, a faixa etária das pessoas que serão

entrevistados de 20 a 50 anos. No que tange as entrevistas a ser realizado, nossa maior concentração da pesquisa será na ilha de Caravela e Orango.

Na coleta de dados durante a pesquisa as entrevistas serão realizadas através de gravação, depois serão transcrevidas uma a uma, o período de duração acontecerá durante quatro meses, e cada entrevista terá duração de 20 a 60 minutos para cada, os questionários serão feitos de uma forma aberta para facilitar ou dar liberdade para o entrevistado responderlas.

Segundo Bressan Flávio YIN (1989, p. 23) afirma que "o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas".

No que diz respeito ao estudo do caso, na minha pesquisa verei qual é relacionamento entre turista e a população local em termos da diversão sociais, e um análise dos eventos realizados entre ambos, com a ideia de intender o porquê disto acontecer, com isso nos permite intender o fenômeno em causa.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Antónia. SANTOS, Filipe. **Memoriais culturais e históricos como promotores do desenvolvimento: os memoriais de Guiledje e Cacheu na Guiné-Bissau**. Lisboa. 2013
- BARROS, Miguel de. **A sociedade civil e o estado na Guiné-Bissau** Dinâmicas, Desafios e perspectivas. 2014.
- BRITO, Rocha. Brígida. **Estudo das Potencialidades e dos Constrangimentos do Ecoturismo na Região de Tombali**.2007.
- BRESSAN, Flávio. **O Método do Estudo de Caso**, 2000.
- CARDOSO, Augusto. **Administração Política e Saber Bijagós: uma perspectiva analítica de conservação da biodiversidade na Guiné-Bissau**. Vitória da Conquista Bahia 05 a 07 de junho de 2013.
- Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquip%C3%A9lago_dos_Bijag%C3%B3s. Acesso em: 07 agosto,2019.
- Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Arquip%C3%A9lago_dos_Bijag%C3%B3s. Acesso em: 07 agosto, 2019.
- FREITAS, Wesley R. S. JABBOUR, Charbel J. C. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões**. São Paulo. 2011.
- LANDIM, Cipriano Correia. (Org.) **Turismo na Guiné Bissau: e perspectivas para um país em conflito**. 2019.
- MONTEIRO, Waldino Lenin. **Avaliação de Destinos Turísticos – O Caso do Turismo de Natureza da Guiné-Bissau**. Universidade Fernando Pessoa. Porto. 2014
- PINTO, Agnelo. **Políticas públicas de promoção turística e desenvolvimento local e sustentável: um estudo de caso em Bolama Bijagós/Guiné-Bissau**. Goiânia. 2018.
- POLET.FRANÇOIS. **Dinâmicas e impactos da expansão do turismo no Arquipélagos dos Bijagós**, 2011
- ROSA, Joana Benzinho e Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. 2018.
- RUSCHUMANN, Doris van de Meene; SOLHA, Karina Toledo. **Planejamento Turístico**. São Paulo. Manole, 2006, p. 90.
- SANTOS, Maria Helena Mattos Barbosa dos. ALLIS, Thiago. CÁ, Jorge Joaquim. **Turismo na Guiné-Bissau: Paradoxos e Perspectivas Para um País em Conflito**. (2014).
- SILVA, Alfredo Simão da. **A Reserva de Biosfera do arquipélago Bolama-Bijagós: um património a preservar**. 2012.

LANDERSET, Simões. **Babel negra**: etnografia, arte e cultura dos indígenas da Guiné. Porto: o comércio do porto, 1935.

SOUSA, Fernando Miguel. **Densidade de pan troglodytes verus e uso de recursos naturais pela população local**, (Gadamael, república da Guiné-Bissau). Lisboa. 2009.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos da Psicologia**, n. 7, p. 79-88, 2002.